

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 982

Sexta feira, 3 de Fevereiro de 1922

PREÇO. \$10 CENTAVOS



Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Prefeitura da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhabe-Lisboa. Telefone 5339-9

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Aos ferroviários da Sociedade Estoril pretende esta impor o horário de doze horas de trabalho. Para conseguir o seu objectivo, a referida Sociedade despediu os operários que faziam parte da comissão administrativa do Sindicato Ferroviário daquela linha.

Não se pode consentir tam grande infâmia!

## A SITUAÇÃO

### Página escolhida

#### Contra o Estado

As eleições realizadas há dias parecem terem sido há anos. Em volta dos resultados existe o desinteresse já constatado nos dias que as precederam e no dia em que elas se realizaram. Houve republicanos que perderam e monárquicos que ganharam. Os seis milhões de habitantes olharam o facto com a indiferença de quem sempre perde, ganhe quem ganhar.

Os dois regimes políticos que se degladiaram não interessou. Sob a bandeira monárquica exhibiu-se à fome dos que trabalhavam, o luxo insolente que parasitava. A bandeira republicana, que empunhada por oradores comedidos prometia cobrir os esfarrapados, serve hoje para tapar os que devoram tudo quanto o trabalho produz.

Um dos caudilhos republicanos no dia em que este regime se implantou devido ao excesso da coragem popular ter evitado os maus resultados da excessiva embardar dos apostolos de cabela quíométrica, pronunciou as seguintes palavras:

«Eles já comeram muito. Tocou-nos agora a vez.»

E o povo ainda não tocou, como a esse gordalhão, caudilho a sua vez. Continua sofrendo a fome que passou no regime monárquico, fome hoje duplicada com a que foi necessária o povo passar para que uma nova quadrilha, os novos ricos, se instalasse à mesa farta daquilo que ao esforço dos trabalhadores ela curtiu.

Que faz o povo, hoje? A resposta é fácil, é rápida: continua trabalhando, suportando miséria, mas já não vota, já não crê, já não aplaude uns para patear outros.

O povo espera a sua vez. E enquanto espera, aproveita o tempo para analisar a situação.

\*\*\*

Este ano de 1922 é igual ao que passou. Uma única coisa o diferencia: é ser pior. A 365 dias de grande miséria vão suceder-se outros 365 dias dum mistério maior! Essa miséria que aos trabalhadores foi e continua sendo liberalmente distribuída pelas «fórcas vivas» vai agravar-se ainda mais.

Esta afirmação pode ser facilmente corroborada pelos aumentos de preço de certos gêneros, aumentos já efectivados este ano. Subiram as hortaliças, o peixe continua encarecendo, verificou-se o aumento escandaloso da água, houve o dos eléctricos, vai seguir-se o do carvão, dos fósforos e do tabaco. Os artigos de vestuário, os artigos de mobiliário prosseguem inalteravelmente correndo para a alta de preços. Se esta situação assim agravada produz fatalmente movimentos das classes operárias tendentes a reclamar a necessária melhoria de salário, não faz falta da parte de certos jornais burgueses um incitamento directo a esses movimentos. Jornais burgueses fingindo penalizar-se pela sorte dos que trabalham!

A piedade desses jornais é a máscara necessária para dissimular uma odiosa manobra. Esses artigos dizem, aos que sabem ler nas entrelinhas, que a vida vai subir depressa, vai subir muito.

As «fórcas vivas» realizam constantemente congressos, apertam cada vez mais, em volta das associações de exploração pública em que elas se encontram associadas, um laço cada vez mais forte, mais estreito, de solidariedade.

Os que trabalham, se se lancarem em movimentos de aumento de salário, e as circunstâncias a isso os forçam irremediavelmente, terão de o fazer com muita energia, muita habilidade, muita solidariedade. Sendo, em troca, dum racionado aumento de salário, os exploradores cortarão uma faixa mais grossa de lucro. Esses movimentos se não forem bem preparados, resultarão num aumento de miséria para os que neles participem; resultarão num aumento de benefícios para os exploradores. Por isso é bom que todos os que trabalham saibam que não vão lutar contra um bando isolado de exploradores. Vão lutar contra todos, visto que eles estão unidos e preparados para fazer cair maquinavelicamente, numa claque monstruosa, os que trabalham.

E' preciso cautela antes dos movimentos; é precisa muita energia para que elas se rebaixem em vez de explodirem nos cofres dos exploradores, venham aumentar a desolação nos lares proletários.

Todos os proletários, sem distinção de classes, devem unir-se para conseguir primeiro atenuar a negra miséria de hoje e preparar depois a emancipação completa do amanhã. Sem que isso se faça este ano será para o operariado, um ano pior do que foi o negregado anno de 1921.

\*\*\*

Hoje não é necessário, para descrever-se a impossibilidade de viver com os seus salários, citar detalhadamente o preço dos gêneros indispensáveis à vida. Basta que todos olem o seu lar desvastado, vejam a sua mesa que duas ou três vezes se põe para iludir o próprio estômago, basta que cada um, constate o seu organismo aniquilado, as suas forças perdidas, a sua magreza esquelética.

A situação normal em casa dos que trabalham é — a miséria. A tuberculose é uma doença terrível que se tornou epidémica, que se tornou vulgar. E' hoje uma ameaça suspensa sobre os que trabalham, que arrebataria-lhes prematuramente a vida. Habitar, que era antigamente uma necessidade humana, passou a ser ideal de difícil senão impossível realização. Hoje vivem famílias, uma vida horrível, composta em compartimentos acanhados, pagos a preços fabulosos.

O recurso de emigrar para fugir a este inferno, desapareceu. Apesar disso um outro governo ainda procura pôr em prática medidas impeditivas da emigração, condonando assim à miséria certa os que nesta terra vivem.

A fome habita nos 80 000 quilômetros quadrados deste país e a ela estão condenados milhões de habitantes, para que alguns milhares de especuladores possam enriquecer rapidamente.

As elicias!... Como se esse episódio banal da luta entre dois regimes adversos pudesse interessar os proletários! Eles hoje compreendem que o seu interesse está em preparar-se para combater as «fórcas vivas» dum e dentro regime, que depois de terem conduzido o proletariado à miséria, pretendem agora provavelmente conduzir-lo à morte. Será este o resultado das suas manobras se ação proletária as não souber aniquilar,

## Notas e Comentários

Ingrato!... Sempre que uma das inúmeras crises alarmante o meio político português, o nome de Afonso Costa vem imediatamente à baila. Os partidários do hábil negociante, depois de terem conduzido os cinco milhões de habitantes a pedir Afonso, como os bebés pedem pão com manteiga. Mas Afonso está-se, está-se esquecendo dos correligionários. Ingrato!...

U. S. O.

Comissão Pró-Casa dos Trabalhadores

A convite deste organismo, devem reunir hoje, pelas 20 horas, todos os componentes desta comissão, afim de serem apreciados e resolvidos assuntos da máxima urgência e importância e que à mesma comissão dizem respeito.

Contra a carestia da vida

Canteiros e Polidores de Mármore

Realiza-se hoje, pelas 20 horas, na sede do S. U. da Construção Civil, uma sessão magna desta especialidade da indústria, afim de apreciar a sua actual situação económica e tomar deliberações sobre o mesmo assunto, tendo para esse efeito distribuído por todas as obras e oficinas um bem redigido manifesto.

As Sociedades de Recreio e os impostos

Na sede da Concentração Musical de Agosto, devem hoje reunir, pelas 21 horas, todos os delegados das Sociedades de Recreio.

## A «CLASSE» DOS INTELECTUAIS

#### A propósito do comentário que "A Batalha" fez à "Seara Nova", comenta-se um comentário da "Capital"

A propósito do comentário que "A Batalha" ontem publicou acerca dum artigo da "Seara Nova", permitiu-se a "Capital" reproduzir um artigo de João Chagas, artigo que condiz em grande parte com opiniões que temos dada à stampa e que contrasta demasiado com o critério que o referido jornal da noite tem seguido nestes últimos tempos.

Recortamos da "Capital" o artigo de João Chagas:

Sairam ao encontro de Mademoiselle Bartet dois jornais portugueses, um e outro animados do mesmo vivo desejo de bem servir o público, servindo-lhe antes que nenhum outro a sociedade da "Comédia Francesa", tam fresca quanto era lícito esperar de uma longa e fatigosa viagem; e o primeiro que se lhe dirigiu, ao mesmo tempo que declinava os seus títulos e alguns verbos da primeira conjugação, exprimiu-se assim:

— Eu não fiz mal, com isto, que esperei antecipadamente dizer-lhe que é esperada com impaciência pelos intelectuais portugueses e — segundo creio — pelo público de Lisboa.

Esta fórmula de saudação, claramente expressa numa folha diária, sugere-nos as seguintes considerações.

A intelectualidade é uma descoberta moderna, como a telegrafia sem fio e o sôni anti-difértil.

Há pouco tempo ainda, as superioridades mentais definiam-se pelas palavras "génio, talento, aptidão", e bem assim "habilidades". Dizia-se: — A minha filha tem muita "habilidade".

Pela palavra "inteligência" pretendia-se significar não sómente a pose, como o exercício dessa faculdade. Dizia-se: — O meu filho é muito "inteligente", ou: — O meu filho é um burro.

Em nenhum caso, porém, estes vocábulos serviam para dividir essencialmente os homens em categorias, ou classes.

A inteligência era um atributo comum a todos os indivíduos da espécie, como a sensibilidade e a vontade, que uns exerciam mais vigorosamente que outros, mas que inalteravelmente se subentendia pertencer a todos.

Dizia-se, certamente: — os marceneiros, os sapateiros, os alfaiates, os oleiros. Ninguém oussaria dizer — os Génios.

O estar na posse da inteligência não significa estar na posse dum modo de vida. Todos os homens gozavam o bem da inteligência e o distribuíram com profusão por todos os mestres.

Em resumo, a inteligência não agremava.

Sobreveu esta febre de renovação que faz com que nós mudemos de casa e de opinião todos os meses, e a inteligência, deixando de ser um atributo comum a todos os indivíduos, passou a ser o privilégio de alguns e a denominar-se — "intelectualidade".

Forma-se imediatamente debaixo dessa invocação, uma classe — a classe dos "intelectuais", e a espécie humana contra-sé de um momento para o outro despida da sua mais bela atribuição, em benefício da meia dúzia de monopolizadores. A sociedade industrialista dos nossos dias inventa com o "trustee" do aço, e do petróleo e do carvão — o "trustee" da inteligência.

O Espírito organiza-se em sindicato, e, mais uma vez, a humanidade se divide em "possuidores" e "não possuidores, em capitalistas e em "trabalhadores".

Os intelectuais representam para a economia do espírito — o "capital". O resto é proletariado.

— Eu não fiz mal — disse, como vimos, o portador dos cumprimentos da cidade a M. e. Bartet — do que vir antecipadamente dizer-lhe que é esperada com impaciência pelos intelectuais portugueses e — segundo creio — pelo público de Lisboa.

O artigo é devidamente escrito, mas é de difícil leitura.

É de difícil leitura, mas é de difícil leitura.

É de difícil leitura, mas é de difícil leitura.

É de difícil leitura, mas é de difícil leitura.

É de difícil leitura, mas é de difícil leitura.

É de difícil leitura, mas é de difícil leitura.

É de difícil leitura, mas é de difícil leitura.

É de difícil leitura, mas é de difícil leitura.

É de difícil leitura, mas é de difícil leitura.

É de difícil leitura, mas é de difícil leitura.

## LIÇÕES DE FORA

#### Manifesto dos I. W. W. aos seus aderentes

(Conclusão)

Terceiro: E' já manifesta in-

tencão da "troupe" que criou e mantém a gerência da I. S. V., de "liquidar" toda a organização operária, onde quer que seja que recuse submeter-se à disciplina auto-

faz instrumento da sua própria des-

truição nêste metódico "complot".

Quinto: O congresso de Moscovo não foi a representação genuína do movimento operário revolucionário internacional

Foi um congresso escolhido, atestado, adredemente. Admitiram delegados, com voto e voz, que representavam organizações supostas. Prepararam o congresso de tal modo que foi assegurado o seu controlo pelo Partido Comunista. Para comprovar isto, especialmente no que se refere à delegação americana, basta ler o relatório preliminar do companheiro G. Wil-

Sexto: Ainda que fosse admissível associar as nossas actividades com os grupos políticos, os I. W. W. não concedem a possibilidade de cooperar com o Partido Comunista da América! (\*)

Estes «comunistas», muitos dos quais eram membros do Partido Socialista Reformista até ao momento em que foram expulsos, depois da sua tentativa, sem êxito, para assumir o controlo do dito partido, tem feito dos I. W. W. o alvo dos seus ataques — provavelmente porque os I. W. W. recusaram tomar qualquer interesse pelas suas batalhas, frases e sandices «subterrâneas». Enfrentaram-na na nossa organização com o único propósito de «dominar ou arruinar». A imprensa destes «comunistas americanos» tem dirigido incessantemente os seus ataques contra os I. W. W., as suas táticas e a sua ação. E não tem vacilado em fazer uso dos próprios famícos da Rússia, vítimas da fome, com o propósito de fazer propaganda de partido. Os seus oradores, sem dúvida em excusa por todo o pão para colher fundos em prol das vítimas da fome (um projeto que os I. W. W. apoiam ferventemente) tem abusado da sua missão humanitária para aproveitar a oportunidade de desmascarar a propaganda a favor do seu Partido Comunista e depreciar os I. W. W. Eles são bem supridos com fundos — dinheiro que não vem das algibeiras da classe operária — como o qual procedem do seu malvado projeto acima indicado com o fim de sabotar e demover o Unionismo Industrial Revolucionário tal qual o explica e representa a nossa organização. Estão promovendo um congresso de «uniificação» das unidades independentes, que não tem outro fim senão o de suplantar ou de substituir os I. W. W. Infatuated, cegos com o seu próprio egoísmo, e com o seu catálogo de salvadores da classe operária, estão dispostos a usar de todos os meios baixos e desonestos, para arruinar tanto quanto possam chegar a dominar.

O Comité Geral Executivo afirma uma vez mais o internacionalismo dos I. W. W. A nossa organização tem uma concepção mundial. O nosso objectivo é sér, tanto de facto como de nome: Trabalhadores Industriais do Mundo. Estendemos a nossa mão de solidariedade aos revolucionários conscientes da classe de todos os países. Convidamo-los a examinar e a estudar o nosso programa, Preambulo e plano de organização, para verem se estes não servem para estabelecer a base científica para o Unionismo Revolucionário nos seus respectivos países. Estamos prontos a aceitar propostas de filiação internacional que não estejam em contradição com os nossos princípios e tendências, e que não exijam de nós o sacrifício da nossa autonomia.

Como conclusão deste relatório, o Comité Geral Executivo chama a atenção de todos os membros dos I. W. W., para os quais a integridade e o nome da Organização querem dizer mais alguma coisa, para que se reuniem e venham em seu auxílio. Os I. W. W. são hoje alvo dos ataques não só dos capitalistas mas também dos revolucionários de profissão, alguns dos quais possuem a caderneta dos I. W. W. São os que possuem dinheiro bastante para prosseguir na sua obra de desstruição. Os I. W. W. não tem forças nem fundos com que os combater, a não ser que lhes sejam fornecidos pelos seus membros leais. Os I. W. W. nunca, até à data, faltaram ao seu dever revolucionário; com a ajuda dos bons também de futuro não faltará. E os I. W. W. viverão e seguirão no seu caminho, até à metade da emancipação operária, quando os nomes dos seus detractores sejam esquecidos.

Vossos pelo Comunismo Industrial. O Comité Geral Executivo dos I. W. W., Robert E. Day, presidente; Calvin Green; Alex Kohler; Martin Carlson; Albert Bare; Walter Smith; John Jackson; John Grady, secretário-tesoureiro geral.

(\*) Supomos que é dizer Estados Unidos, o Américas do Norte, fui relado da posição imperialista do país do dólar, que se julgam, até muitos supostos radicais, os únicos americanos.

TRABALHADORES, LÉDE  
A NOVELA VERMELHA

# A "Imprensa da Manhã" a carestia da vida

**Causas e males — Carestia da vida — Abundância de produção — Horário das oito horas — Baixa de salários**

Neste último caso os nossos trabalhadores mostram-se indiferentes e só tecem boca para reclamar aumento de salário e o cumprimento rigoroso da lei que, com grave prejuízo para a economia social, estabeleceu as oito horas de trabalho.

(Do artigo Carestia da vida publicado em A Imprensa da Manhã, de 30-1-922).

Eu creio que uma só economia há-de existir para que a humanidade seja mais feliz. Há centenas de centenas que os homens se agredem e guerrem mutuamente; é a medida que o progresso caminha na sua rotina de perfeição, mas a luta entre os homens se torna encarniçada.

A luta pela vida, o bem-estar a comodidade, o menor esforço, a abundância e a situação desafogada, são a causa dessa luta. Porque uma parte da humanidade se julga com direito, sobre outra, de só ela, gozar esse bem-estar, daí o tremendo choque a que o proximamente, iremos assistir, choque inevitável que terá a sua eclosão quando a especulação e a ganância dessa parte da humanidade tenha atingido o culminância.

Eu não compreendo nem posso conceber a existência de duas escolas económicas — a social e a burguesa. E há duas escolas porque também há dois interesses a defender — o social e o burgues. Não podendo abraçar as duas escolas também não posso compreender que um mesmo indivíduo deixa muitos critérios e que a todos ele presida a questão social, desmentindo hoje o que afirmava ontem, atacando amanhã o que defendia há dias. Enfim simples questão de educação e do mecenato da época que atravessamos.

— Quando alguém procura atacar um qualquer mal, seja ele qual for, o acusamento não deve ser dado contra parte ou partes onde o mal se localizou mas sim onde ele tem ou teve sua causa.

Assim como no corpo humano quaisquer mal e dores têm a sua causa nestes... assim o mal de que enferma a humanidade tem uma das causas — talvez a mais importante — na propriedade privada.

Mas não o entende assim o articulista de A Imprensa da Manhã que quando em vez nos mimosa com nacos de prosa, a duas colunas, tam fala de bon senso e de conhecimentos sociais como rechada de baralhidade. Com desconhecimento completo da questão social e de quais tido que rodeia, nunca procura a causa para se achar o efeito, isto é, a parte onde o mal se localizou, e, portanto, aquela que sofre as consequências da causa.

E para que não corre, E para rematar o mal não encontra outro meio forma que não seja a aplicação de causticos na parte onde o mal está localizado deixando livre e em completa ação a liberdade destruidora i parte que dá causa a tanto mal. Mas não desanime o articulista porque não está só em campo.

O seu artigo de segunda feira p. p. que tem por título A carestia da vida só pode ser combatida pela abundância da produção... poucos são os parágrafos que não mereçam ser combatidos. Mas para abreviar quanto possível as minhas considerações apenas me referirei às passagens mais importantes — em disparates — do artigo acima.

Começarei pelo título. Supondo que a manhã era um facto a abundância da produção gera-também um facto estar resolvida a carestia da vida? Eu creio que não. E' que a abundância da produção também tem as suas frestas consequências para os trabalhadores dentro da actual engrenagem social. Após a armazenação dos grandes stocks por efeito da abundância de produção, o que vimos nós — a crise é tam funesta, como a carestia da vida: haver gêneros baratos e não possuir dinheiro para os adquirir, o mesmo é que viver em regime de carestia, e assim, só seriam beneficiados os que possuíssem dinheiro ou poucos felizes que ficasse aranhando.

Depois suggere por ali abaixo numa cantilena como a provar-nos os seus vastos conhecimentos de sociologia, até que accusa os trabalhadores de só terem boca para reclamar aumento de salário e condonar a lei que estabeleceu as oito horas de trabalho, com grave prejuízo à economia nacional.

E' tam falho de senso comum este criterio que nada direi sobre elle, pois que o cérebro mais acanhado ou o espírito mais comedinho saberá descortinar a malevolência que encerra esta tirada audaciosa.

Mas não se via por aqui. Depois de dizer que os trabalhadores da França, da Inglaterra e da Alemanha condenaram o horário das oito horas afirmaram não vir longe o dia em que os mesmos trabalhadores hão de reclamar a revogação para sempre de tam perniciosa lei e a sua substituição pelo saturday-hour, trabalhando cada qual as horas que quiser ou puder.

Orá passando-se as contas como diria o articulista e ainda porque o operariado comprehendeu as críticas circunstâncias do momento é qual o motivo porque o governo inglês está subordinado os sem-trabalho no momento em que é preciso produzir tanto? Flavendo os sem-trabalho aos milhares dentro do horário das oito horas significa isto simplesmente que oito horas de trabalho ainda são demais, pois que se se elevarmos a dezena ou doze aumentará o número dos sem-trabalho.

Demais sabemos nós todos onde reside o mal. O mal não está no horário das oito horas; o mal está na desmedida ganância da indústria, do comércio e da lavoura que se serve do progresso para as suas especulações.

A maquinaria que devia estar ao serviço de todos, apenas está ao serviço

## NOS ESTADOS UNIDOS

### Pelos pacifistas

Nevisson, correspondente do «Manchester Guardian», pede a amnistia dos indivíduos detidos por se terem pronunciado contra a guerra europeia

WASHINGTON, Dez. 10. — Henry W. Nevisson, representante do «Manchester Guardian» na conferência enviou ao presidente Harding uma «Petição dos Estrangeiros», pedindo a amnistia para os prisioneiros políticos, concebida nos seguintes termos:

«Vindo, como venho, da Inglaterra, um estranho entre o povo americano, não tenho certamente desejo de intervir nos seus afazeres domésticos ou políticos. Mas há casos que apelam para mim em nome da justiça e da humanidade independentemente dos direitos nacionais e dos cidadãos.

«A despeito de toda a minha genuína admiração pela vida e costumes americanos, uma descoberta me enche de surpresa e pesar. Estou informado de que o governo americano conserva ainda na prisão uns 145 pessoas devidas a supostas ofensas cometidas sob a chama da Lei do Espionagem e outras leis especiais promulgadas durante a recente guerra, a qual, na realidade, terminou há três anos.

«Muitos destes prisioneiros estão cumpindo sentenças de dez e mesmo vinte anos, meramente, segundo eu, pelo expressão das suas opiniões, mormente ou inteiramente em oposição à guerra. Eles pertencem a todas as classes, mas na maioria são trabalhadores, naturalmente ocupados nas minas, nas florestas e na agricultura, de maneira que toda a nação perde com o seu encarceramento, e eles próprios, removidos de um emprego salutar, podem muito bem degenerar como geralmente degeneram os homens no presídio. Quanto mais tempo estão, prisioneiros menos prestativos se tornam.

«O direito da Palavra Livre poderá ser talvez restrinjido por necessidade em tempo de guerra. Mas tais restrições são dos piores males da guerra, e é dever de todas as nações removê-las com toda a brevidade logo que seja restabelecida a paz. No meu próprio país, todos os acusados de tal ofensa já há muito que foram postos em liberdade; creio que um ou dois meses depois do armistício. O mesmo é certo, creio eu, ter-se feito em todos os outros países, excepto o país que eu aprendi a considerar como o país da Liberdade. Uma das circunstâncias mais peculiares do caso é que a própria lei da espionagem, como estou informado, foi suspensa em março último, e estes criminosos políticos continuaram prisioneiros sob uma lei que já não existe.

«Eu falo como uma pessoa que tem gasto uma longa e variada vida, principalmente em advogar a liberdade individual e reagindo com todas as suas forças contra a opressão e a injustiça, onde quer que tenha desaberto. Esse longos esforços e o meu profundo pesar de achar ainda possíveis tal opressão e tal injustiça numa nação que eu tanto admiro são as minhas únicas razões para me associar a este apelo ao Presidente ou Congresso dos Estados Unidos para uma amnistia geral no que respeita a supostas violações de uma lei que já não existe.

«Nao podem os ferrovários da S. E. consentir que estas demissões sejam mantidas para o que deve imediatamente reunir, resolvendo de conformidade com a importância do acto.

«Pretende a Sociedade atribuir aos camaradas que demitiu a responsabilidade do que a classe resolveu na última reunião efectuada em 18 de mês ultimo, na qual a mesma protestou energicamente contra a atitude daquela, tendo sido aprovada uma moção a este respeito que foi enviada à mesma Sociedade e igual cópia ao sr. presidente do ministério e à pretexto do que foi resolvido, que ela diz ser injurioso, que é falso, que persegue estes camaradas.

«Nao podem os ferrovários da S. E. consentir que estas demissões sejam mantidas para o que deve imediatamente reunir, resolvendo de conformidade com a importância do acto.

«Os camaradas demitidos são os seguintes:

Edmundo Ribeiro, chefe de 3.ª classe; Sócrates Armando Matos, factor de 1.ª classe; Jafim Neves, condutor de 2.ª; António Ferreira, condutor de 2.ª; António Lopes Reis, guarda-freio de 1.ª; Juvel Costa, guarda-freio de 1.ª; Artur Barbosa, revisor de 2.ª; André Raposo, revisor de 2.ª; João das Neves Camara, revisor de 2.ª; Agostinho Caldeira, chefe de distrito José Bonifácio.

O Sindicato Ferroviário convidou a classe da S. E. a reunir hoje pelas 20 horas na sede do respectivo Sindicato, para se resolver qual o caminho a seguir.

Que ninguém falte.

Recebemos do Sindicato Ferroviário a seguinte:

NOTA OFICIOSA

Reuniram ontem os corpos gerentes do Sindicato, protestando energicamente contra a atitude que a Sociedade «Estoril» tomou para com os camaradas que compõem a Comissão Administrativa da Delegação de Cascais e respectiva Comissão de Melhoramentos, demindo-os por efeitos procurarem, através de tudo, defender a hora e dignidade da classe ferroviária da Sociedade «Estoril» principalmente neste momento em que aquela pretende elevar o horário de trabalho a 12 horas diárias.

O grupo compõe-se, além de outros dos seguintes camaradas:

Joaquim Venâncio, Aníbal Santos, Emílio José Ferro dos Santos, Carlos Azevedo, Tomás Fernandes, Jorge Soares, Sebastião Barreiros e Jorge Teixeira.

As vezes, para Ingles ver, lá aparecem alguns candleiros acasos, à boquinha da noite, mas apagam-se prudentemente algum tempo depois, porque o petróleo que os reservatórios contêm é dimitu.

A's autoridades administrativas deste concelho solicitam a sua atenção para este caso.

Grupo Dramático Ferroviário

Acaba de se organizar nesta vila um grupo dramático composto de ferrovários do Sul e Sueste, com o fim de representar peças educativas e sociais.

Sendo a população desta vila, ferroviária na sua maioria, as ruas são preceipitos armados ao transeunte desciudado.

As vezes, para Ingles ver, lá aparecem alguns candleiros acasos, à boquinha da noite, mas apagam-se prudentemente algum tempo depois, porque o petróleo que os reservatórios contêm é dimitu.

Tendo esta associação recebido um ofício da associação de classe dos maquinistas fluviáis que se acham em litígio com os armadores por motivo do pedido de aumento de salário, pedindo para que nebulos associado os vá preferir embargando nos seus logares, foi resolvido como princípio de solidariedade nomear uma comissão para que evite, por todos os meios suavios ao seu alcance, o embargo nos navios de pesca, procurando assim a resolução do assunto, entre as partes em litígio.

Pessoal dos eléctricos do Porto

PORTO, 3. — Continua no mesmo

estado a greve do pessoal dos eléctricos.

Ontem foi reaberta a assemblea dos gerentes, pelas 19 horas, estando presente a comissão de resistência.

O camarada António Litorio, membro daquela comissão, expôs o resultado da conferência havida anteontem com o governador civil, que declarou estar disposto a fazer garantir a todo o pessoal um aumento de 1550 diários e quanto à parte moral quasi poderia igualmente garantir que pelo menos um dos empregados seria reconduzido ao seu antigo lugar, e quanto à reclamação do pessoal, para lhe serem pagos os dias em que está em greve, isso seria impossível, mas que talvez se conseguisse que o aumento fosse dado desde o dia 1 de Janeiro.

A seguir fez uso da palavra Sílio Vianez, que elogiando os trabalhos da comissão, propôs um voto de louvor à mesma, o qual foi aprovado por aclamação.

Em seguida fizeram uso da palavra outros oradores, que se manifestaram na mesma ordem de ideias, sendo por fim apresentado por Avelino da Conceição Cruz a seguinte proposta:

«Tendo em vista a forma como a nossa comissão tem defendido os superiores interesses da classe, proponho que a assemblea de plenos poderes para

resolver o conflito na parte referente às reclamações de orden material».

Esta proposta foi aprovada por unanimidade, sendo em seguida suspenso a sessão, sendo erguidos entusiasticamente os presentes.

Assembleia de São Pedro de Moel

Assembleia de São Pedro de

## A BATALHA

## A BATALHA no Porto

## CRÓNICA

A comemoração do 31 de Janeiro — O que representa esta data — O que diziam e queriam os insurretos de 1891 — O que fazem hoje os que os festejam, os que «honram» a sua memória

A cidade histórica dos precursores dumha república avançada, que se distinguia também nas lutas liberais contra o miguelismo absolutista, esteve oficialmente em festa: flâmulas, gardeiras e bandeiras flutuaram a suavidade nos ventos húmidos do mar tempo; charolas, fanfarras e bandas espalharam patrioticamente as notas revoltes de *A Portuguesa*; tribunos medianos e de tábua, armados em Cações de fresca data, impingiram os seus discursos de mais ou menos retumbância, profigrando os vícios da um regime cráupulo contra o qual se ergueram punhados de idealistas que, por unido revés das armas e por uma emboscada da traição, tombaram ensanguentados nas valetas, tragicamente vencidos nos seus desígnios de liberdade. A derrota foi espalhafatosamente bombardeado pelas detonações ruídosas dos incônditos morteiros, mal rompeu a aurora, do dia solene de chuvas, semelhantes pesadas lágrimas pelas vitimas, que morreriam de vergonha resuscitassem do seu monumento em granulado e tarijado de carões sentidos, e vissem, pelas lunetas duma segunda desfile, no que vieram a dar às suas santas aspirações...

Comemorou-se a data inigrejada do 31 de Janeiro. O 31 de Janeiro foi um protesto vibrante contra as insolências duma potência que ainda hoje se diz nossa amiga e uma insurreição esotica contra as velhaquias e desmanhados da famigerada casa de Bragança. Antes da infeliz juntada da revolta de Porto, os fogosos propagandistas da Revolução para derribar a monarquia, legítima causadora das nossas desgraças, acusavam a Inglaterra de ser uma moderna Cartago, que não consegue devers nem mutualidade. A Inglaterra era uma potência mercantil que, «ora pela astúcia dos seus diplomatas, ora pela brutal iniciativa», desejava acrecentar «as suas possessões na África Oriental arrebatando aos portugueses os tratos mais valiosos do seu território ultramarino...». Todos os seus princípios rodopiavam em volta do «desprezo de todas as fórmulas de cortesia internacional igualadas pela iniquidade somente fundamentada no abuso reputante da fôrça material».

Serviu as mil maravilhas o desparata do sentimento nacional, e contribuiu poderosamente para a explosão republicana na madrugada de 31 de Janeiro de 1891, o facto da ambigüa Inglaterra, retrado de quase todo o nosso domínio colonial da África Oriental a nossa bandeira, fazendo da estrela que apontava para as batalifas os criados que, nas ante-câmaras do *Foreign Office*, idoneamente, eram encarregados de receber e atender os plenipotenciários de Portugal. Os republicanos tinham marcada na fronte a dura chichetada que aí passa a Gran-Bretanha Inglória com a pita do *ultimatum* de lord Salisbury. Não, não era admissível que fosse necessário ainda, «para que afronta fosse bem pungente, que Portugal desse à História o tremendo espetáculo da renovação da sua fidelidade de cordial ao vencedor sem combate, à Inglaterra opressora, tanto mais que os tratados de aliança, desde D. João I, de Maio de 1886 até 20 de Agosto de 1890, tinham sido feitos exclusivamente em benefício da segurança dinástica...».

Só a República, pois, terminaria com todos os crimes da realeza, com todas as misérias da nação e com todas as amissões «lamentáveis» compradas de joelhos às potências que nos desonravam. Desesperados, os monárquicos enfiam-se por este paradoxo: acolhiam os republicanos insurrecionados de videntes aos ingleses! Contudo, a Revolta estacou, mas, a breve trecho, foi vencida. E após uns bons pares de anos decorridos, a segunda república portuguesa, com êxito proclamada na capital, empurra para a morte da Grande Guerra, desferida pelas rivalidades comerciais das grandes potências, bastantes dezenas de milhar de portugueses, para se agradável, gentil, amigo fiel aos conterrâneos dos modernos lord Salisbury. Como os revolucionários sozinhos protestassem contra a guerra esculada, eles foram acusados de vendidos aos monárquicos, umas vezes, e a outras!

Ai mas o que defendiam os conjurados de 31 de Janeiro! Queriam: — a liberdade de consciência, de imprensa e de discussão; a harmonia e simplificação dos códigos com o espírito filosófico e resultados científicos modernos; a educação progressiva da mulher; o livre trânsito, a inviolabilidade do domicílio e a abolição da prisão preventiva; a liberdade de associação e de reunião; a abolição dos monopólios quando não estavam subordinados à utilidade pública; a abolição do corpo diplomático; a proibição da acumulação de funções, públicas; o direito de resistência aos actos ofensivos das leis; abolição do recrutamento e serviço militar obrigatório; a extinção das últimas formas senhoriais de propriedade; o arretoamento obrigatório dos ferreiros incutidos, ou a sua exportação por utilidade pública; o estabelecimento do regime de aprendizagem e regulamentação do trabalho de mulheres e menores; a abolição das loterias e de quaisquer jogos de azar, embora com final caritativo, porque a república teria principal preocupação eliminar, gradualmente, toda a miséria, substituindo-a na escola pelo direito à vida, a justiça sucedendo-se à caridade; a repressão da exploração mercantil, impedindo-lhe os abusos; abolição completa de todas as contribuições de serviços pessoais ou dias de trabalho e de todos os direitos de consumo cobrados pelo Estado; etc., etc. Não era a completa emancipação do povo trabalhador, mas seria qualquer coisa digna de registo.

Mas, a duração republicana de 1919, que se sucedeu à eleição republicana de 1891, não herdou o programa dos revolucionários de 31, apesar de alguns sobreviventes da catástrofe terem situado os preponderantes na recta verde-rubro. Liberdades de consciência, discussão, de trânsito e de associação, bolcheviques de impostos, de loterias, de jogos, de contribuições e de direitos, a obrigatoriedade do arretoamento dos ferreiros incutidos ou a sua expropriação; a abolição do recrutamento e serviço militar obrigatório, etc., foi tudo aquilo que lhe deu: não só se conservou o antigo, como tudo foi agraviado escandalosamente. E quanto à resistência aos actos ofensivos das leis, já todos sabem que podemos contar com as hostes multiplicadas e aguerridas da velha guarda municipal... Até o país cunhou, sendo a mesma feitoria britânica... com pesar dos patriotas...

Todavia, o Porto esteve em festa oficial; os republicanos e adesivos monárquicos, uns e outros a negociação dos sacerdotes imponentes de Janeiro de 1891, festejaram, comemoraram a grande tragédia que ensanguentou as ruas e praças deste antigo burgo de liberdades... aristocráticas, modernas e antizas... — com flâmulas, gardeiras e bandeiras, flutuando nas dobras dos ventos húmidos do meu tempo, a sua garridez festiva e alegre; com charolas, fanfarras e bandas, que assopravam revolucionariamente os acordes da enganação *A Portuguesa*; e com os tropos estuvidos e inflamados dos tribunos, que não tiveram pejo de dizer o que não sentiram, acompanhados obrigadamente a tiros de fogueira... A guarda fiscal, que já devia estar, senão de todo eliminada, pelo menos reduzida, posto que o perigo, o entusiasmo da classe, que foi unânime em reconhecer que a sua greve, de verdade, começou ontem.

A comissão de resistência expôs que a Companhia, que tanto relutância tinha em receber as reclamações em papel timbrado da Associação, sempre se resolvia a aceitar o ofício da Liga das Artes de Viação. Foi, *ipso facto*, o reconhecimento do Sindicato dos Empregados da Carris, que já é alguma coisa, muito até. Quanto às reclamações, os administradores não concordam por princípio não concordam, por princípio, com a readmissão dos dois camaradas demitidos em tempos, que é o primeiro ponto da questão.

Um orador é de parecer que se trate ponto por ponto das reclamações. O primeiro não é aceite pela Companhia; no seu entender, a comissão não mais tem que reverenciar com o Conselho de Administração enquanto ele não satisfizer o primeiro número, tanto mais que o lado moral é o que deve ser preferido, porque nisso está a hora da classe, a sua força, o seu futuro — deixando de tirar tantas perseguições. Só depois é que se trataria do segundo número das reclamações e assim sucessivamente.

O camarada que assim falou fez-o com consciência; é essa tática que as classes operárias, quando estão revolucionariamente educadas, seguem nas suas lutas contra o explorador. Quando tem confiança na sua força, quando tem ideias de emancipação a entusiasmá-la, não se intimidam ante quaisquer ameaças, não se rendem logo às primeiras arremetidas; pelejam, heróicamente, até se esgotar o derradeiro alento, entrincheirando-se na sua organização sindical, onde os patrões acorrem logo que querem chegar a um entendimento com os escravos que os enriquecem...

Aí mais o que defendiam os conjurados de 31 de Janeiro! Queriam: — a liberdade de consciência, de imprensa e de discussão; a harmonia e simplificação dos códigos com o espírito filosófico e resultados científicos modernos; a educação progressiva da mulher; o livre trânsito, a inviolabilidade do domicílio e a abolição da prisão preventiva; a liberdade de associação e de reunião; a abolição dos monopólios quando não estavam subordinados à utilidade pública; a abolição do corpo diplomático; a proibição da acumulação de funções, públicas; o direito de resistência aos actos ofensivos das leis; abolição do recrutamento e serviço militar obrigatório, etc., etc. Não era a completa emancipação do povo trabalhador, mas seria qualquer coisa digna de registo.

Mas, a duração republicana de 1919, que se sucedeu à eleição republicana de 1891, não herdou o programa dos revolucionários de 31, apesar de alguns sobreviventes da catástrofe terem situado os preponderantes na recta verde-rubro. Liberdades de consciência, discussão, de trânsito e de associação, bolcheviques de impostos, de loterias, de jogos, de contribuições e de direitos, a obrigatoriedade do arretoamento dos ferreiros incutidos ou a sua expropriação; a abolição do recrutamento e serviço militar obrigatório, etc., foi tudo aquilo que lhe deu: não só se conservou o antigo, como tudo foi agraviado escandalosamente. E quanto à resistência aos actos ofensivos das leis, já todos sabem que podemos contar com as hostes multiplicadas e aguerridas da velha guarda municipal... Até o país cunhou, sendo a mesma feitoria britânica... com pesar dos patriotas...

Todavia, o Porto esteve em festa oficial; os republicanos e adesivos monárquicos, uns e outros a negociação dos sacerdotes imponentes de Janeiro de 1891, festejaram, comemoraram a grande tragédia que ensanguentou as ruas e praças deste antigo burgo de liberdades... aristocráticas, modernas e antizas... — com flâmulas, gardeiras e bandeiras, flutuando nas dobras dos ventos húmidos do meu tempo, a sua garridez festiva e alegre; com charolas, fanfarras e bandas, que assopravam revolucionariamente os acordes da enganação *A Portuguesa*; e com os tropos estuvidos e inflamados dos tribunos, que não tiveram pejo de dizer o que não sentiram, acompanhados obrigadamente a tiros de fogueira... A guarda fiscal, que já devia estar, senão de todo eliminada, pelo menos reduzida, posto que o perigo, o entusiasmo da classe, que foi unânime em reconhecer que a sua greve, de verdade, começou ontem.

A comissão de resistência expôs que a Companhia, que tanto relutância tinha em receber as reclamações em papel timbrado da Associação, sempre se resolvia a aceitar o ofício da Liga das Artes de Viação. Foi, *ipso facto*, o reconhecimento do Sindicato dos Empregados da Carris, que já é alguma coisa, muito até. Quanto às reclamações, os administradores não concordam por princípio não concordam, por princípio, com a readmission dos dois camaradas demitidos em tempos, que é o primeiro ponto da questão.

Um orador é de parecer que se trate ponto por ponto das reclamações. O primeiro não é aceite pela Companhia; no seu entender, a comissão não mais tem que reverenciar com o Conselho de Administração enquanto ele não satisfizer o primeiro número, tanto mais que o lado moral é o que deve ser preferido, porque nisso está a hora da classe, a sua força, o seu futuro — deixando de tirar tantas perseguições. Só depois é que se trataria do segundo número das reclamações e assim sucessivamente.

O camarada que assim falou fez-o com consciência; é essa tática que as classes operárias, quando estão revolucionariamente educadas, seguem nas suas lutas contra o explorador. Quando tem confiança na sua força, quando tem ideias de emancipação a entusiasmá-la, não se intimidam ante quaisquer ameaças, não se rendem logo às primeiras arremetidas; pelejam, heróicamente, até se esgotar o derradeiro alento, entrincheirando-se na sua organização sindical, onde os patrões acorrem logo que querem chegar a um entendimento com os escravos que os enriquecem...

Aí mais o que defendiam os conjurados de 31 de Janeiro! Queriam: — a liberdade de consciência, de imprensa e de discussão; a harmonia e simplificação dos códigos com o espírito filosófico e resultados científicos modernos; a educação progressiva da mulher; o livre trânsito, a inviolabilidade do domicílio e a abolição da prisão preventiva; a liberdade de associação e de reunião; a abolição dos monopólios quando não estavam subordinados à utilidade pública; a abolição do corpo diplomático; a proibição da acumulação de funções, públicas; o direito de resistência aos actos ofensivos das leis; abolição do recrutamento e serviço militar obrigatório, etc., etc. Não era a completa emancipação do povo trabalhador, mas seria qualquer coisa digna de registo.

Mas, a duração republicana de 1891, que se sucedeu à eleição republicana de 1891, não herdou o programa dos revolucionários de 31, apesar de alguns sobreviventes da catástrofe terem situado os preponderantes na recta verde-rubro. Liberdades de consciência, discussão, de trânsito e de associação, bolcheviques de impostos, de loterias, de jogos, de contribuições e de direitos, a obrigatoriedade do arretoamento dos ferreiros incutidos ou a sua expropriação; a abolição do recrutamento e serviço militar obrigatório, etc., foi tudo aquilo que lhe deu: não só se conservou o antigo, como tudo foi agraviado escandalosamente. E quanto à resistência aos actos ofensivos das leis, já todos sabem que podemos contar com as hostes multiplicadas e aguerridas da velha guarda municipal... Até o país cunhou, sendo a mesma feitoria britânica... com pesar dos patriotas...

Todavia, o Porto esteve em festa oficial; os republicanos e adesivos monárquicos, uns e outros a negociação dos sacerdotes imponentes de Janeiro de 1891, festejaram, comemoraram a grande tragédia que ensanguentou as ruas e praças deste antigo burgo de liberdades... aristocráticas, modernas e antizas... — com flâmulas, gardeiras e bandeiras, flutuando nas dobras dos ventos húmidos do meu tempo, a sua garridez festiva e alegre; com charolas, fanfarras e bandas, que assopravam revolucionariamente os acordes da enganação *A Portuguesa*; e com os tropos estuvidos e inflamados dos tribunos, que não tiveram pejo de dizer o que não sentiram, acompanhados obrigadamente a tiros de fogueira... A guarda fiscal, que já devia estar, senão de todo eliminada, pelo menos reduzida, posto que o perigo, o entusiasmo da classe, que foi unânime em reconhecer que a sua greve, de verdade, começou ontem.

A comissão de resistência expôs que a Companhia, que tanto relutância tinha em receber as reclamações em papel timbrado da Associação, sempre se resolvia a aceitar o ofício da Liga das Artes de Viação. Foi, *ipso facto*, o reconhecimento do Sindicato dos Empregados da Carris, que já é alguma coisa, muito até. Quanto às reclamações, os administradores não concordam por princípio não concordam, por princípio, com a readmission dos dois camaradas demitidos em tempos, que é o primeiro ponto da questão.

Um orador é de parecer que se trate ponto por ponto das reclamações. O primeiro não é aceite pela Companhia; no seu entender, a comissão não mais tem que reverenciar com o Conselho de Administração enquanto ele não satisfizer o primeiro número, tanto mais que o lado moral é o que deve ser preferido, porque nisso está a hora da classe, a sua força, o seu futuro — deixando de tirar tantas perseguições. Só depois é que se trataria do segundo número das reclamações e assim sucessivamente.

O camarada que assim falou fez-o com consciência; é essa tática que as classes operárias, quando estão revolucionariamente educadas, seguem nas suas lutas contra o explorador. Quando tem confiança na sua força, quando tem ideias de emancipação a entusiasmá-la, não se intimidam ante quaisquer ameaças, não se rendem logo às primeiras arremetidas; pelejam, heróicamente, até se esgotar o derradeiro alento, entrincheirando-se na sua organização sindical, onde os patrões acorrem logo que querem chegar a um entendimento com os escravos que os enriquecem...

Aí mais o que defendiam os conjurados de 31 de Janeiro! Queriam: — a liberdade de consciência, de imprensa e de discussão; a harmonia e simplificação dos códigos com o espírito filosófico e resultados científicos modernos; a educação progressiva da mulher; o livre trânsito, a inviolabilidade do domicílio e a abolição da prisão preventiva; a liberdade de associação e de reunião; a abolição dos monopólios quando não estavam subordinados à utilidade pública; a abolição do corpo diplomático; a proibição da acumulação de funções, públicas; o direito de resistência aos actos ofensivos das leis; abolição do recrutamento e serviço militar obrigatório, etc., etc. Não era a completa emancipação do povo trabalhador, mas seria qualquer coisa digna de registo.

Mas, a duração republicana de 1891, que se sucedeu à eleição republicana de 1891, não herdou o programa dos revolucionários de 31, apesar de alguns sobreviventes da catástrofe terem situado os preponderantes na recta verde-rubro. Liberdades de consciência, discussão, de trânsito e de associação, bolcheviques de impostos, de loterias, de jogos, de contribuições e de direitos, a obrigatoriedade do arretoamento dos ferreiros incutidos ou a sua expropriação; a abolição do recrutamento e serviço militar obrigatório, etc., foi tudo aquilo que lhe deu: não só se conservou o antigo, como tudo foi agraviado escandalosamente. E quanto à resistência aos actos ofensivos das leis, já todos sabem que podemos contar com as hostes multiplicadas e aguerridas da velha guarda municipal... Até o país cunhou, sendo a mesma feitoria britânica... com pesar dos patriotas...

Todavia, o Porto esteve em festa oficial; os republicanos e adesivos monárquicos, uns e outros a negociação dos sacerdotes imponentes de Janeiro de 1891, festejaram, comemoraram a grande tragédia que ensanguentou as ruas e praças deste antigo burgo de liberdades... aristocráticas, modernas e antizas... — com flâmulas, gardeiras e bandeiras, flutuando nas dobras dos ventos húmidos do meu tempo, a sua garridez festiva e alegre; com charolas, fanfarras e bandas, que assopravam revolucionariamente os acordes da enganação *A Portuguesa*; e com os tropos estuvidos e inflamados dos tribunos, que não tiveram pejo de dizer o que não sentiram, acompanhados obrigadamente a tiros de fogueira... A guarda fiscal, que já devia estar, senão de todo eliminada, pelo menos reduzida, posto que o perigo, o entusiasmo da classe, que foi unânime em reconhecer que a sua greve, de verdade, começou ontem.

A comissão de resistência expôs que a Companhia, que tanto relutância tinha em receber as reclamações em papel timbrado da Associação, sempre se resolvia a aceitar o ofício da Liga das Artes de Viação. Foi, *ipso facto*, o reconhecimento do Sindicato dos Empregados da Carris, que já é alguma coisa, muito até. Quanto às reclamações, os administradores não concordam por princípio não concordam, por princípio, com a readmission dos dois camaradas demitidos em tempos, que é o primeiro ponto da questão.

Um orador é de parecer que se trate ponto por ponto das reclamações. O primeiro não é aceite pela Companhia; no seu entender, a comissão não mais tem que reverenciar com o Conselho de Administração enquanto ele não satisfizer o primeiro número, tanto mais que o lado moral é o que deve ser preferido, porque nisso está a hora da classe, a sua força, o seu futuro — deixando de tirar tantas perseguições. Só depois é que se trataria do segundo número das reclamações e assim sucessivamente.

O camarada que assim falou fez-o com consciência; é essa tática que as classes operárias, quando estão revolucionariamente educadas, seguem nas suas lutas contra o explorador. Quando tem confiança na sua força, quando tem ideias de emancipação a entusiasmá-la, não se intimidam ante quaisquer ameaças, não se rendem logo às primeiras arremetidas; pelejam, heróicamente, até se esgotar o derradeiro alento, entrincheirando-se na sua organização sindical, onde os patrões acorrem logo que querem chegar a um entendimento com os escravos que os enriquecem...

Aí mais o que defendiam os conjurados de 31 de Janeiro! Queriam: — a liberdade de consciência, de imprensa e de discussão; a harmonia e simplificação dos códigos com o espírito filosófico e resultados científicos modernos; a educação progressiva da mulher; o livre trânsito, a inviolabilidade do domicílio e a abolição da prisão preventiva; a liberdade de associação e de reunião; a abolição dos monopólios quando não estavam subordinados à utilidade pública; a abolição do corpo diplomático; a proibição da acumulação de funções, públicas; o direito de resistência aos actos ofensivos das leis; abolição do recrutamento e serviço militar obrigatório, etc., etc. Não era a completa emancipação do povo trabalhador, mas seria qualquer coisa digna de registo.

Mas, a duração republicana de 1891, que se sucedeu à eleição republicana de 1891, não herdou o programa dos revolucionários de 31, apesar de alguns sobreviventes da catástrofe terem situado os preponderantes na recta verde-rubro. Liberdades de consciência, discussão, de trânsito e de associação, bolcheviques de impostos, de loterias, de jogos, de contribuições e de direitos, a obrigatoriedade do arretoamento dos ferreiros incutidos ou a sua expropriação; a abolição do recrutamento e serviço militar obrigatório, etc., foi tudo aquilo que lhe deu: não só se conservou o antigo, como tudo foi agraviado escandalosamente. E quanto à resistência aos actos ofensivos das leis, já todos sabem que podemos contar com as hostes multiplicadas e aguerridas da velha guarda municipal... Até o país cunhou, sendo a mesma feitoria britânica... com pesar dos patriotas...

